

25.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA NATIVIDADE DE ESCAMARÃO



Rua de São Miguel
Escamarão, Souselo
Cinfães



41° 3' 57.66" N
8° 15' 25.45" O



918 116 488



Dom. 9h30



Nossa Senhora da
Natividade, 8 setembro



Imóvel de Interesse
Público, 1950



P. 25



P. 25



x

Apesar do seu carácter tardio, a Igreja de Nossa Senhora de Escamarão assume uma especial importância devido à sua implantação estratégica, na confluência dos rios Paiva e Douro. Integrada no couto de Vila Meá, domínio do mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses), a povoação de Escamarão constituiu sempre uma atrativa zona de passagem à vista do próprio mosteiro, comunicando rapidamente, quer com o Porto, quer com o Douro interior.

Assim, terá sido o próprio mosteiro que providenciou a edificação (ou reconstrução) da Igreja de Escamarão para, deste modo, assegurar a independência religiosa do seu couto. De pequenas dimensões, a fábrica desta Igreja mostra-nos por diversos elementos o seu carácter tardio. Sabendo que na época medieval, quer falemos de românico ou de gótico, a edificação de um edifício religioso começava pela cabeceira, salta-nos logo à vista a janela mainelada gótica que rasga a sua parede fundeira e a pequena rosácea que encima o arco triunfal.

Embora esta Igreja tenha adotado o aspeto maciço dos muros rasgados na nave por estreitas frestas, a verdade é que tem de ser entendida naquilo a que a História da Arte tem vindo a chamar de "gótico rural". Os portais não têm colunas, nem tímpanos e as suas arquivoltas assentam diretamente sobre os pés-direitos dos muros. Mas, nas arquivoltas da janela mainelada e do portal principal vemos a persistência de um formulário decorativo românico, de que destacamos as pérolas, tema tão glosado nas igrejas românicas das bacias do Douro e Tâmega. Resistências e inovações casam-se nesta Igreja de Escarvão, dando corpo a um característico

exemplo de arquitetura "gótica rural". Apesar de pouco legível, a inscrição que se encontra ao lado do portal principal, em caracteres góticos, alude à data de 1385 (Era 1423). Pela sua posição no edifício, e parecendo que não se trata de um reaproveitamento ou de uma inscrição feita posteriormente, cremos que esta poderá memorar a conclusão da construção da Igreja. No interior impera o granito e o mobiliário litúrgico remanescente foi concebido já nos tempos modernos. Testemunhos vários informam-nos que existia, pelo menos até inícios do século XX, uma pintura mural nesta Igreja e que tem vindo a ser atribuída ao século XVI.



PINTURA MURAL

Registos fotográficos antigos permitiram-nos identificar, na parede norte, junto ao arco triunfal, a representação de uma figura masculina, envergando hábito franciscano. Com a mão esquerda segura um livro e com a direita transporta um cajado (?). Poderá tratar-se de uma figuração pouco habitual de Santo António de Lisboa (c. 1195-1231).



Pintura mural antes das intervenções da DGEMN (1944)

Aproximadamente da mesma época são os frontais dos altares colaterais da nave. Recorrendo à técnica de aresta, apresentam-se como painéis azulejares mudéjar. A policromia destes painéis, feita à base de ocres, verdes e azuis sobre fundo branco, forma composições padronizadas de motivos fitomórficos e florais, antecipando a moda dos azulejos tipo “tapete” que irá conhecer entre nós uma grande voga no século XVII. No lado sul, os dois azulejos que destoam da restante composição foram justapostos ainda corria o século XVIII.

Estas mesas de altares expõem imagens ao culto dos fiéis, encimadas por sanefas neoclássicas, que completavam um conjunto retabular da mesma época, mas que foi apeado durante as intervenções de restauro realizadas na década de 1960, a expensas da freguesia, e que procurou acentuar o caráter medievo da Igreja. Persiste ainda à nossa apreciação o retábulo maior, em estilo nacional e da primeira metade do século XVIII. Apesar do caráter regionalizado da sua policromia, destaca-se no centro da composição as armas da ordem beneditina.

